

INFLUÊNCIAS DO PORTUGUÊS L1 NO PROCESSAMENTO DAS ESTRUTURAS DE PRESENT PERFECT POR APRENDIZES BRASILEIROS DE INGLÊS L2

Victor Ramos da Silva (UFF)
victorramossilva@gmail.com

Eduardo Kenedy – Orientador (UFF)
edu.kenedy@gmail.com

Introdução

A aquisição e o processamento da linguagem são assuntos que motivam estudos com diferentes interesses dentro da tradição de pesquisa em psicolinguística experimental. Os estudos relacionados ao bilinguismo e, sobretudo, à interface estabelecida entre a Língua Materna (doravante L1) e a Língua Estrangeira (doravante L2)¹ são motivados, principalmente, pelas constatações feitas por indivíduos interessados no ensino e na aprendizagem de uma dada língua e nos fenômenos cognitivos envolvidos nesse processo.

Baseado no que acabou de ser dito, levanta-se a hipótese de que estruturas que não encontram correlato próximo na L1 de um indivíduo podem ser apenas memorizadas e não adquiridas de fato. A respeito disso, o trabalho de Ullman (2005) sobre as memórias declarativa e procedimental², em uma perspectiva cognitiva, faz-nos refletir sobre a possibilidade de que o processamento de estruturas linguísticas não equivalentes, L1 e L2, seja executado com base apenas no sistema de memória declarativo e que, mesmo com o avanço do indivíduo na fluência com a língua estrangeira, sua conversão para a memória procedimental ainda será custosa.

O objeto teórico aqui tratado tem relação com a questão da não equivalência de determinadas estruturas entre L1 e L2. A questão levantada acima a respeito dos *chunks* dá conta apenas de enunciados específicos, mas no caso de uma estrutura verbo-temporal, como é o caso do *Present Perfect*, que abrange em si a possibilidade de “criar um número infinito

¹ Não pretendemos aqui diferenciar os termos Língua Estrangeira, L2 e Segunda Língua como é feito por Mitchel e Myles (1998). Segundo a obra, consideramos Língua Estrangeira aquela aprendida através de processos tradicionais de ensino em comunidade onde esta não é nativa. Já Segunda Língua, é qualquer outra língua aprendida após a língua materna. O termo L2 é usado pela linguística em oposição ao termo L1, ou seja, aquela língua que não é materna. Há alguns linguistas, como Blank (2012) que usam os termos L3, L4 etc para definir, cronologicamente, a aquisição de línguas por um indivíduo, mas isso não daria conta de definir o processo simultâneo de aquisição. Sendo assim, é importante observar que a ideia de Língua Estrangeira está contida em Segunda Língua e que esta se opõe à Língua Materna (L1), podendo, portanto, ser nomeada L2.

² Os termos memória declarativa e memória procedimental serão explicados melhor no item 2.3 do capítulo 2 desta dissertação. Em linhas gerais, memória declarativa é aquela responsável pelo aprendizado consciente e pelo armazenamento consciente das etapas deste, em contraste, a memória procedimental tem a ver com a execução inconsciente de tarefas. Os dois sistemas (declarativo e procedimental) são interativos e competitivos entre si.

de enunciados” (nos termos de CHOMSKY, 1995), far-se-á necessária a articulação entre os elementos do sintagma verbal (verbo auxiliar, verbo principal e seus complementos) para a formação dos enunciados, que devem ser relacionados a fatores extrínsecos, como tempo e intenção do enunciador.

Um falante de português L1, ao expor alguma de suas vivências no passado, realizará uma oração no pretérito perfeito, como se vê no exemplo (2), já um falante de inglês, dependendo de sua intenção e convenções, recorrerá, dentre outras possibilidades, aos usos 2a e 2b:

(2) Eu quebrei minha perna.

(2a) *I broke my leg.*

(2b) *I have broken my leg.*

O possível correlato imediato, gerado por aprendizes brasileiros de inglês (L2), para a oração apresentada em (2) acima, seria (2a), contudo ações que aconteceram no passado e têm conexão com o presente ou que se apresentam sem tempo definido são casos do tempo verbal *Present Perfect*. De acordo com gramáticas normativas (cf. CARTER, R. & McCARTHY, M., 2006), o correlato adequado para a oração acima seria (2b). Falantes de português (L1), em processo de aquisição do inglês (L2), apresentam maior dificuldade em adquirir esse tipo de oração, tendo em vista diversos fatores tais como: a não relação direta entre tempos verbais, a maior complexidade das estruturas de *Present Perfect* em comparação às de *Simple Past* e a constante interferência da L1 no processo interlinguístico desses falantes.

Os experimentos, ora em execução, assumem o objetivo de verificar o comportamento de participantes brasileiros bilíngues de níveis iniciante, intermediário e avançado em inglês em contraste com falantes nativos monolíngues do inglês frente às estruturas de *Present Perfect*, e para tanto, baseia-se no trabalho de Stromswold *et al* (2002), desenvolvendo um experimento *off-line* controlado de correlação entre imagem e enunciado (*Picture-Sentence Matching*) seguido de um teste *off-line* de correlação Imagem – Sentença com justificativa de resposta.

O protocolo experimental a ser utilizado em nossa pesquisa verificará se os aprendizes brasileiros de inglês como L2 são capazes de, a partir de uma imagem estímulo, identificar o contexto correto de emprego do *present perfect* (em contraste ao *simple past*). Em nossa pesquisa, também se buscará verificar em que medida os aprendizes estão mais ou menos conscientes das escolhas que fazem para, com isso, inferir a participação e uso dos recursos da memória declarativa ou da memória procedimental durante o processamento

linguístico. Os dados obtidos com os aprendizes serão cotejados com um *base-line* formado pelo desempenho dos nativos monolíngues do inglês, que serão submetidos aos mesmos testes.

Tais procedimentos farão com que tenhamos evidências a partir das quais poderemos inferir o processamento linguístico subjacente do comportamento detectado e, diante disso, será possível investigar: (i) o momento aproximado em que a estrutura de *Present Perfect* passa a ser computado na L2 do aprendiz; (ii) como se dá o processo de interferência sintática na L1 sob o processamento e aquisição da L2, com relação especificamente ao uso do *Present Perfect*; (iii) se aprendizes conseguem diferenciar intuitivamente as estruturas de *Present Perfect* para as de *Simple Past*, quando oferecido correlato em sua língua materna e se essa capacidade discriminatória se desenvolve conforme evolui a fluência do indivíduo.

Neste artigo, apresentaremos a revisão dos construtos teóricos acerca de nosso objeto de estudo. Os experimentos comentados se encontram em fase de rodagem, cabendo a nós o compromisso de apresentar comentários parciais a respeito dos dados coletados até a data da comunicação oral na 25ª Jornada do GELNE, um mês após a data da produção deste trabalho.

1. Aspectos gerais a respeito da forma verbal *Present Perfect*

O *Present Perfect* é um tempo verbal característico da língua inglesa, de acordo com estudo realizado por Finger *et al* (2008), que pode equivaler, em língua portuguesa, aos seguintes tempos verbais do modo indicativo: presente simples, pretérito perfeito simples e pretérito perfeito composto.

Em uma perspectiva mais abrangente, Marcello (2005: 13) define esse tempo verbal como “uma ação que está concluída do ponto de vista de quem fala, mas que, ao mesmo tempo, está no tempo presente”. Marques (2011: 211) complementa explicando que “este tempo verbal é usado para ligar [...] o passado e o presente, em contraste com o *Simple Past*, que indica ação totalmente terminada, sem nenhuma ligação com o presente.”.

Com relação à estrutura das sentenças, neste tempo verbal, temos a formação: **sujeito** precedido de **locução verbal** composta por **verbo auxiliar *have*** (ou forma flexionada *has*) e verbo principal conjugado no **particípio passado**, conforme exemplificado abaixo:

- (1) *Pedro* *has gone* *to Paris*
 Sujeito + Verbo Aux. ***have*** + V. Princ. ***go*** no particípio Complemento

A dificuldade do aprendiz brasileiro de inglês L2 frente a este tempo verbal está, em primeiro lugar, no fato de que “[...] esse tempo verbal não existe em português” (MARCELLO (2005: 13); em segundo lugar, “[...] devido à complexidade dos acarretamentos semânticos derivados da interação promovida pelo aspecto gramatical e o aspecto lexical em um determinado contexto” (FINGER *et al*, 2008: 2).

Carter & Mc.Carthy (2006) complementam essa definição afirmando que: “*Present Perfect is used to relate events or states taking place in the past to a present time orientation*”³. A relação entre passado e presente estabelecida por esse tempo verbal é um dos fatores que causa confusão nos aprendizes brasileiros, já que “as dêixis de tempo e lugar são extremamente complicadas pela interação das coordenadas dêiticas com a conceitualização não dêitica de tempo e espaço” (LEVINSON, 2007: 89).

“Nunca há equivalência absoluta entre dois sistemas verbais. A análise contrastiva tem demonstrado isso. Certos tempos verbais existentes no português – o pretérito imperfeito do indicativo, por exemplo – e vice-versa [como é o caso do] *Present Perfect*, que não é encontrado em português, devendo assim ser traduzido por mais de um de nossos tempos verbais, dependendo do contexto em que for empregado” (SIQUEIRA, 1997: 6)

O que torna a estrutura do *Present Perfect* uma das mais complexas estruturas verbais é que, além da flexão decorrente do particípio passado no verbo, que exige atenção redobrada do falante não nativo em função da irregularidade verbal, ainda existe a flexão do verbo auxiliar em função da pessoa do discurso, conforme visto nos exemplos a seguir:

- a. *I have used this bag many times.* (Eu tenho usado esta mala muitas vezes.)
- b. *I have gone to Australia since 2012.* (Eu tenho ido à Austrália desde 2012.)
- c. *Pedro has driven this bus recently.* (Pedro tem dirigido este ônibus recentemente.)

Um fator que deve ser levado em consideração em um estudo acerca de tempos verbais em língua inglesa é, sem dúvida, o aspecto. Aspecto pode ser explicado como “a categoria gramatical que representa distinções na estrutura temporal do evento” (TRASK, 2011: 40). Em outras palavras, o aspecto, segundo o autor, é o elemento que deve ser considerado na análise temporal de uma oração. Ele pode indicar a extensão de um período de tempo, a ocorrência de algo em um único momento, a ocorrência de situações paralelas, um número de ocorrências em série etc.

³ TRADUÇÃO: O *Present Perfect* é usado para relatar eventos ou estados que acontecem no passado com uma orientação de tempo no presente (CARTER & MC.CARTHY, 2006)

Trask (2011: 40) aponta, ainda, a distinção entre os conceitos de tempo e aspecto: “[...] a expressão formal das duas categorias é fortemente entrelaçada em muitas línguas”, no inglês, por exemplo, “[...] o perfeito, tem várias funções, mas expressa particularmente um estado que resulta de uma ação anterior [...]” e é, em inglês, “[...] frequentemente classificado entre os aspectos [...]”.

Finger *et al* (2008: 2) destaca a questão da dêixis no estudo dos tempos verbais do inglês. O termo dêixis é um empréstimo do grego e indica o ato de apontar,

“codificar ou gramaticalizar traços do contexto da enunciação ou do evento de fala e, portanto, também diz respeito a maneiras pelas quais a interpretação das enunciações dependem da análise desse contexto de enunciação.” (LEVINSON, 2007: 65)

As marcas de dêixis apontadas pelo autor supracitado são: (i) dêixis de pessoa; (ii) dêixis de tempo; (iii) dêixis de lugar; (iv) dêixis de discurso e (v) dêixis social. A questão aspectual não pode ser diretamente ligada ao estudo da dêixis, já que o aspecto, em si, “[...] não apresenta um caráter dêitico, pois marca o tempo interno das situações, ou seja, delimita a duração de um fato e a fase interna do mesmo”. (FINGER *et al*, 2008: 2)

Levando em consideração essa colocação e partindo por uma perspectiva de uso (*usage*), poderíamos propor a tabela a seguir (cf. ROZAKIS, 2003 e MARQUES, 2011), a fim de especificar os diferentes contextos de uso para o tempo verbal *Present Perfect*.

| | |
|--|---|
| AÇÃO COMPLETA NO PASSADO COM TEMPO INDEFINIDO | We have bought the gifts. |
| CONDIÇÃO COMPLETA COM TEMPO INDEFINIDO | I have been very calm. |
| AÇÃO PASSADA COM CONTINUAÇÃO NO PRESENTE | Sarah has called John for two hours. |
| CONDIÇÃO PASSADA COM CONTINUAÇÃO NO PRESENTE | She has been in New York. |
| DIANTE DAS PREPOSIÇÕES <i>SINCE</i> E <i>FOR</i> | The team has been the winner since 1958. |
| DIANTE DOS ADVÉRBIOS <i>ALREADY</i> , <i>YET</i> , <i>EVER</i> , <i>NEVER</i> , <i>ONCE TWICE</i> , <i>SEVERAL TIMES</i> , <i>MANY TIMES</i> NOS CONTEXTOS APONTADOS ACIMA | I have just eaten Have you met Laura recently? |

Tabela 2: Usos Específicos do Tempo Verbal *Present Perfect*

(cf. FINGER, 2008 & MARQUES, 2011)

De acordo com, Fernandes *et al* (2010), há, em português, duas as maneiras de expressar o presente (presente do indicativo e presente do subjuntivo) e oito maneiras de expressar o passado (pretérito perfeito simples do indicativo, pretérito perfeito composto do indicativo, pretérito imperfeito do indicativo, pretérito mais-que-perfeito simples do

indicativo, pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo, pretérito imperfeito do subjuntivo, pretérito perfeito do subjuntivo e pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo) que também são articuladas com formas nominais (infinitivo impessoal, infinitivo pessoal, gerúndio e particípio). Já em língua inglesa, temos a articulação dos tempos *Present*, *Past* e *Future* com os aspectos *simple*, *continuous*, *perfect* e *perfect-continuous*, resultando num total de 12 tempos verbais em oposição aos mais de 15 tempos verbais da língua portuguesa.

Dada a multiplicidade dos usos do *Present Perfect* e a variação entre os tempos verbais do português e do inglês, não há apenas uma referência (correlato) para o *Present Perfect*, mas sim quatro correlatos que variam de acordo com o uso. “O Presente Simples, o Pretérito Perfeito Simples e o Pretérito Perfeito Composto existentes no português são os tempos verbais normalmente empregados nessa tentativa de tradução” (FINGER et al, 2008).

| USOS | TEMPO VERBAL (PB) | EXEMPLO NO PB | ORAÇÃO NO PRESENT PERFECT |
|--|---|---|------------------------------------|
| Ação passada com continuação no presente | Presente do Indicativo | Clara estuda há 15 anos. | Clara has studied for 15 years. |
| Ação completa no passado com tempo indefinido | Pretérito Perfeito Simples do Indicativo | Jolly leu o livro. | Jolly has read the book. |
| Condição passada com continuação no presente | Pretérito Perfeito Composto do Indicativo | Teresa tem visitado Ruth todos os dias. | Teresa has visited Ruth every day. |

Tabela 3: Correlatos do Present Perfect no PB (cf. FINGER et al, 2008: 7)

Conforme observamos anteriormente, existem fatores extralinguísticos (como a questão da intenção discursiva do falante e a questão cultural) que influenciarão o conceito de tempo verbal em aspectos cognitivos por parte do usuário da língua. Além desses fatores, ainda temos aqueles de ordem linguística, como as questões sintáticas e aspectuais, que favorecerão ou dificultarão as relações estabelecidas por contextualização, produção e interpretação de sentenças para o usuário estrangeiro.

Partindo dessa visão centrada no discurso e no contexto, propomos para o ensino do tempo verbal *Present Perfect*, relacioná-lo e contrastá-lo com as situações de uso dos demais tempos verbais e, através do trabalho com discursos autênticos, introduzi-lo ao aprendiz de língua inglesa desde os períodos iniciais de estudo. Com relação à estrutura, podemos dizer que se a regra de conjugação de terceira pessoa do singular for consolidada ao aprender o *Simple Present*, o verbo auxiliar será visto como mais um verbo a seguir a mesma regra de conjugação e a estrutura verbal deverá ser introduzida como *chunk*.

Nesse viés, o *Present Perfect* poderia ser estudado em três blocos contextuais independentes de regras gerais. Esse mecanismo permitiria que o aprendiz interagisse com a língua de forma menos artificial e internalizasse essa estrutura como um conjunto de chunks usados em adendo a tempos verbais já existentes na língua. A seguir, apresentaremos o conjunto dos três pressupostos para o ensino de *Present Perfect*.

i. **Grupo contextual de ações no presente** – Estudo do *Present Continuous* (ação em progresso no momento da enunciação) e o estudo do *Simple Present* (ação recorrente) em oposição ao *Present Perfect*, apresentado como *chunk*, (ação que indica duração). *Present Perfect* e *Simple Present* apresentam, portanto, similaridade com o presente do indicativo do PB.

- a. Ele está estudando agora. – *He is studying now. (Present Continuous)*
- b. Ele sempre estuda. – *He always studies. (Simple Present)*
- c. Ele estuda por anos. – *He has studied for years. (Present Perfect)*

ii. **Grupo contextual de ações ocorridas no passado** – Estudo do *Past Continuous* (ação progressiva no passado) e estudo do *Simple Past* (ação vinculada ao passado sem perspectiva presente) em contraste com o *Present Perfect* apresentado como *chunk* (indicando uma ação com passado vinculado com o presente). Nesse caso, *Present Perfect* e *Simple Present* apresentam similaridades com o pretérito perfeito simples do indicativo do PB.

- a. Ele estava estudando ontem. – *He was studying yesterday. (Past Continuous)*
- b. Ele estudou ontem. – *He studied yesterday. (Simple Past)*
- c. Ele estudou para esta prova. *He has studied for that test. (Present Perfect)*

i. **Grupo estrutural de ações presentes com ancoragem passada** – Estudo exclusivo do *Present Perfect* com as mesmas funções contextuais em inglês do grupo i, mas agora com transparência morfológica para o tempo verbal pretérito perfeito composto do indicativo do PB e uso de expressões típicas (como *just, ever, since, for* etc).

- a. Ele tem estudado desde ontem. – *He has studied since yesterday.*
- b. Ele tem trabalhado aqui por 20 anos. – *He has worked here for 20 years.*

2. Aspectos Psicolinguísticos: Questões inerentes ao bilinguismo

O termo **bilíngue**, em uma perspectiva mais ampla, pode ser considerado o contrário de **monolíngue**, que é o termo usado para definir o indivíduo que possui apenas uma língua em seu sistema cognitivo. Entretanto, existem acepções divergentes relacionadas a essas palavras que se apresentam em estudos da área (FIQUEIREDO, 1995; GROSJEAN, 2008 *et al*).

As aplicações experimentais normalmente avaliam o desempenho de não nativos em contraste com nativos ou o resultado de não nativos em tarefas cognitivas de mesmo estilo em sua língua materna.

Grosjean (2008: 15) aponta os seguintes fatores para diferenciar um monolíngue de um bilíngue:

- A estrutura e a organização das competências linguísticas do bilíngue são, de certa forma, diferentes da dos dois monolíngues equivalentes.
- A estrutura e organização da linguagem do bilíngue são mistas, ou seja, no momento de fala bilíngue, haverá troca de código (*code-switching*) com outros bilíngues.
- Mesmo que ao se reportar a um monolíngue, os mecanismos de *input* e *output* estejam executando tarefa monolíngue, a outra língua não é totalmente desativada e poderá emergir, a depender do nível de fluência na língua em prática e na evocação por elementos da língua em não uso.
- As operações linguísticas e psicolinguísticas envolvidas na produção e na percepção do discurso são mistas.

Em linhas gerais, a capacidade do ser humano em aprender qualquer língua, partindo do mesmo procedimento de contato, experimentação e prática, é explicada pela teoria gerativista proposta por Chomsky (1975). Segundo o autor, “[...] parece evidente que a aquisição da linguagem se baseia na descoberta daquilo que, de um ponto de vista formal, constitui uma teoria profunda e abstrata [...]” (CHOMSKY, 1975: 141)

As bases neurocognitivas (neurais, cognitivas e computacionais) da aquisição e do processamento de segunda língua ainda não são bem compreendidas, em grande parte, por haver muito pouca pesquisa empírica nessa área da neurociência que estuda quais funções computacionais as estruturas cerebrais executam e como elas interagem. O esquema a seguir

resume a ideia dos sistemas de memória de longo prazo, envolvidas diretamente com esse processo.

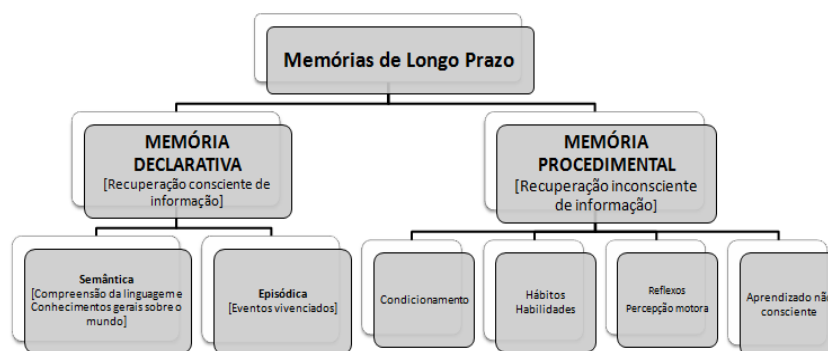


Figura 1: Esquema de funcionamento dos sistemas de memória de longo prazo
(baseada no proposto por ULLMAN, 2005)

O sistema de memória declarativa forma a base do aprendizado, da representação e do uso do conhecimento sobre fatos e eventos, podendo ser especializado em conexões associativas de dados arbitrários. *“It has been argued that the information learned by this system is not informationally encapsulated, being accessible to multiple mental systems”*⁴ (ULLMAN, 2004: 235). Nesse sistema, o conhecimento é aprendido de maneira rápida e é, em grande parte, explícito.

O sistema de memória procedimental forma, associado às estruturas cerebrais mais enraizadas nos circuitos dos gânglios basais / frontais (cf. ULLMAN, 2004), a base para os processos de aprendizado implícito, assim como os do controle de habilidades cognitivas ou de percepção motora, como andar de bicicleta, jogar videogames ou digitação/datilografia. Ele pode ser especializado, pelo menos em parte, no processamento de sequências e regras. Embora pareça resultar em um processamento de conhecimentos e de habilidades mais rápido e automático do que o aprendizado no sistema de memória declarativa, o aprendizado, nesse sistema, requer prática extensa.

Devido as suas habilidades de rápida aquisição, a memória declarativa adquire conhecimento primeiro, enquanto o sistema procedimental aprende conhecimento análogo lenta e gradualmente para, então, ser processado de forma rápida e automática pelo sistema de memória procedimental. Ainda é importante destacar que: *“Both systems are related to*

⁴ TRADUÇÃO: Tem sido argumentado que a informação aprendida por este sistema não é encapsulada de maneira informacional, sendo acessível a múltiplos sistemas mentais.

acquiring analogous knowledge, including knowledge of sequences”⁵ (ULLMAN, 2004: 243).

O aprendiz tardio de L2 contará com padrões de memória similares àqueles da L1 em alguns aspectos, mas diferentes em outros. O aprendizado do léxico da L2 deve ser embasado pela memória declarativa, assim como o que ocorre com o da L1, porém com conhecimento mais fraco, devido à diferença de exposição ao conteúdo léxico em relação aos aprendizes de L1 em idade similar. Há também a possibilidade de os aprendizes de L2 apresentarem dificuldades com a fonologia e interferência de sua L1. A melhoria da memória declarativa e a possível atenuação da memória procedimental durante a infância podem fazer com que os aprendizes tardios de L2 venham a depender mais da memória declarativa e menos da procedimental no processamento da L2, ao contrário dos aprendizes de L1, que tiveram mais tempo para que o conhecimento fosse processado.

*“Of course native-like neurocognition does not imply native-like proficiency mechanisms. Nevertheless, given that L1 mechanisms are evidently extremely well-suited to language neurocognitive mechanisms. Thus the achievement of such mechanisms by L2 learners is good news.”*⁶ (ULLMAN, 2012: 293)

Em linhas gerais, no que concerne à apropriação de uma L2, o sistema de memória declarativa será utilizado para a armazenagem de regras de uso ainda não internalizadas, de unidades lexicais e *chunks* correspondentes. Já o sistema de memória procedimental “[...] *is posited to also underlie aspects of a symbol-manipulating grammar, across grammatical sub-domains, including phonology, morphology, and syntax in both expressive and receptive grammar.*” (ULLMAN, 2012: 284). Desta maneira, é inegável a participação dos sistemas de memória declarativa e procedimental na aquisição e processamento de línguas, sejam elas L1 ou L2, e que, na condução de estudos sobre sistemas linguísticos, levá-los em consideração ao longo da pesquisa é importante.

Partindo da perspectiva dos sistemas de memória, podemos fazer pontes interessantes com o objeto de nossa pesquisa. O *Present Perfect*, como uma estrutura linguística, adquirido em ambiente formal de aprendizagem, será instanciado com base em recursos metalinguístico e, portanto, atrelados à memória declarativa. O teórico aqui propostos e os experimentos, ora

⁵ TRADUÇÃO: Ambos os sistemas são relativos à aquisição de conhecimento análogo, incluindo o conhecimento de sequências.

⁶ TRADUÇÃO: É claro que a neurocognição de um fluente com nível próximo de um nativo não implica mecanismos de proficiência iguais a do nativo. No entanto, esses mecanismos de L1 são extremamente bem adaptados à linguagem por mecanismos neurocognitivos. Assim, a realização de tais recursos por aprendizes de L2 é uma boa notícia.

em execução, visam a observar e inferir como é a participação desses sistemas no processamento dessa estrutura temporal não existente na língua materna dos indivíduos. Desta forma, nossa hipótese a ser inferida com base nos protocolos experimentais é a de que as estruturas do tempo em foco são instanciadas exclusivamente na memória declarativa em função do aprendizado tardio deste, se comparado aos demais tempos da língua.

4. Características Básicas do Experimento:

O experimento, inicialmente proposto por Carpenter & Just (1975) (*apud* STROMSWOLD, 2002), trata-se de (i) apresentação de uma imagem com duas opções de frases descritoras, uma das quais o sujeito participante do experimento deveria escolher, ou (ii) um grupo de imagens que devem ser correlacionadas com um grupo de frases pelo sujeito da pesquisa, ou (iii) um grupo de imagens que descrevem uma frases, de um grupo, que deverá ser selecionada. Esse tipo de experimento pode ser desenvolvido *off-line*, através de testes feitos com pranchas e folhas de papel, *off-line* controlado, por meio de softwares específicos que limitem e cronometrem o tempo para seleção ou *on-line* por meio do uso de outros mecanismos como *eye-tracker*, aferição de potenciais evocados etc.

O experimento, de caráter *off-line* controlado, será executado por meio do programa Pyschope e fará uso de 8 imagens (indicadoras de contexto) que deverão ser legendadas por uma das duas opções oferecidas aos sujeitos (*Simple Past versus Present Perfect*), junto com o conjunto de 16 imagens e frases distratoras que não os permitirá concluir o padrão do experimento com foco nas estruturas de *present perfect*.

I. Procedimentos

(a) É explicado ao participante o funcionamento do experimento e a função da pesquisa (sem detalhamento sobre a estrutura do *Present Perfect*, pois isso pode gerar enviesamento das respostas no experimento e falta de validade dos dados levantados).

(b) Participante preenche e assina folha de anuência com orientações e explicações complementares feitas pelo pesquisador.

(c) Formulário com informações gerais sobre a aprendizagem de inglês do participante é entregue e preenchido com auxílio do pesquisador.

(d) Pesquisador acomoda participante em local para realização do experimento, explica como serão os procedimentos e como utilizar a caixa de resposta. Pesquisador também explica ao participante que, ao término do experimento, ele deverá fazer cinco tarefas escritas baseadas nas respostas que foram dadas e, portanto, deverá realizar esta etapa com bastante atenção e consciente das respostas que está dando.

(e) Pesquisador realiza uma rodada do teste (treinamento) junto ao participante.

(f) Pesquisador deixa participante sozinho para realização das demais etapas.

(g) Para cada estímulo, aparecerá uma imagem por 5 segundos e, em seguida, duas opções, das quais o participante escolherá uma através da caixa de resposta (o período em que as opções aparecerão até o momento em que participante faz a seleção, bem como a opção selecionada, serão medidos pelo programa).

(h) Ao concluir a etapa *off-line* controlado, aparecerá na tela uma mensagem informando o término da etapa e solicitando que participante, na folha entregue pelo pesquisador, faça o mesmo feito no teste, mas de forma escrita e com as cinco imagens contidas na folha.

(i) Participante realiza a tarefa *off-line* e entrega a pesquisador.

Pesquisador analisa estatisticamente os dados levantados pelo teste *on-line* e os contrasta com os dados qualitativos do teste *off-line*.

Em outra oportunidade, apresentar-se-á, com detalhamento, os aspectos do protocolo experimental desenvolvido, tais como variáveis, condições, padrão e distribuição dos sujeitos etc, pois, conforme comentado, desenvolvemos aqui uma revisão teórica com o objetivo de apresentar o atual estado da pesquisa em andamento.

CONCLUSÃO:

Diante de todo o exposto, destacamos a função deste artigo foi delimitar o objeto desta pesquisa na agenda de estudos da Psicolinguística, relacionar a aquisição / aprendizagem do modo verbal Present Perfect com o uso dos sistemas de memória declarativo e procedimental e levantar inferências a respeito do processamento dos aspectos semânticos, pragmáticos e sintáticos que tanto dificultam a compreensão desta estrutura por aprendizes brasileiros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BALTAZAR, Laura Mesquita. *Frequency effects and the processing of verbal morphology by L1 and L2 speakers of English*. Dissertação (Mestrado) 109 f. Florianópolis: UFSC, 2012.
- CARTER, R.; MCCARTHY, M. *Cambridge Grammar of English*. UK: Cambridge University Press, 2006.
- CHOMSKY, Noam. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris, 1981.
- CLAHSEN, H. & FELSER, C. *Grammatical processing in language learners*. Applied Psycholinguistics. Volume 27 (Jan. 2006), pp 3 – 42. Cambridge University Press, 2006.
- CRYSTAL, David. *A first dictionary of linguistics and phonetics*. Cambridge : Cambridge University Press, 1980.
- ELLIS, Rod. *Second Language Acquisition*. Oxford: Oxford University Press, 1997.
- ESPINO, Sabrina de Paula. *Present Perfect. Uma questão de aspecto: um estudo sobre o context na compreensão da noção de aspect subjacente ao present perfect simples em inglês*. Dissertação (Mestrado) 147 f. São Carlos: UFSCar, 2007
- FERNANDES, Glaucia Roberta Rocha; FERREIRA, Telma de Lourdes São Bento; RAMOS, Vera Lúcia. *Muito Prazer: Fale o Português do Brasil*. – São Paulo: Disal, 2010.
- KENEDY, Eduardo. *Curso básico de linguística gerativa*. – São Paulo : Contexto, 2013.
- ULLMAN, M. T. *The declarative/procedural model of lexicon and grammar*. Journal of Psycholinguistic Research, 30 (1), 2001. 37-69.